

AQUI, BEM PERTO

Alexandre Rampazo



Resenha

O menino e seu urso eram absolutamente inseparáveis. Sempre tomando conta um do outro. Amigos para o que der e vier. Brincando de pirata, de esconde-esconde, de guerra de travesseiros. Vez ou outra explodia uma briga – mas nada que não passasse depressa.

Nenhum dos valentões da escola se atrevia a perturbar o garoto, que caminhava impávido com seu urso por perto, chutando poças d'água, escutando o barulho das folhas secas esfarelando a cada passo, descobrindo mundos ocultos debaixo das pedras, caçando siris, formando uma constelação de vaga-lumes, contando piadas, lendo histórias, deixando as pontas dos dedos enrugarem depois de passar muito tempo no banho.

Acontece que nem mesmo tanta intimidade e afeto podiam impedir que o tempo passasse: chegou o dia em que o urso cresceu demais e decidiu sair de casa e ir conhecer o mundo, deixando o menino doente de saudade. Saudade, segundo a mãe do garoto, é coisa que não passa, mas acalma: a do menino, porém, só acalmaria quando, depois de deixar que o tempo corresse mais ainda, ele mesmo se tornasse o urso de alguém.

Em *Aqui, bem perto*, Alexandre Rampazo evoca os afetos que povoam a infância em um livro em que texto e imagem trabalham juntos para tocar as emoções do leitor com extrema delicadeza. A opção de desvelar a intimidade entre um garoto e seu irmão mais velho por meio da relação entre um menino e seu urso nos mostra que, às vezes, um pouco de fantasia pode fazer mais justiça à complexidade dos sentimentos que experimentamos do que qualquer realismo. O desfecho do livro nos lembra que a infância, para além de seus jogos e sua alegria, também é o momento da vida em que experimentamos nossas primeiras grandes perdas e aprendemos a lidar com elas.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Depoimento

De Pedro Felicio, ator e pai

Histórias pra crianças podem ser de vários tipos: das que trazem lições, das que contam aventuras, das que são coloridas, das que soam bem lidas em voz alta, das que têm rimas. *Aqui, bem perto* é do tipo que se frui com longo tempo; do tipo que não pode, em suas muitas camadas, ser entendida de supetão.

Tenho dois filhos, um menino mais velho e uma menina mais nova. Este livro é sobre eles.

O caos e o oceano de incertezas em que mergulhamos (pais, mães e filhos) com a chegada de um irmão são, de fato, a matéria dessa história lindamente ilustrada.

Para meu filho mais velho, a compreensão veio rápido. Ele, então, passou a explicar para a irmã o que significava aquele urso simpático e doce da história. Parei por alguns minutos a observar sua explicação, com seu jeito de falar, que é confuso e poético – como cabe a uma criança de seis anos.

Diferentemente da maioria dos livros que já lemos juntos, dessa vez não expliquei nada sobre o conteúdo. A todas as perguntas das crianças, eu respondia apenas “o que vocês acham?”. Passamos a reler o livro, vasculhando as páginas em busca de respostas para as perguntas. As “fotografias” do fim foram um achado para eles. Divertiram-se repetindo (sem minha participação, apenas entre os dois) quem era cada uma das personagens das fotos em cada uma das outras páginas do livro.

A brincadeira se estendeu por um bom tempo. “Quando eu crescer, eu vou ser um lobo” disse a pequena, que anda obcecada por lobos. Mas decidi que ia ser um lobo que cuida dos irmãozinhos pequenos. “E dos porquinhos também.” O irmão riu muito com essa conclusão.

A percepção que cada um dos dois teve do livro foi muito diversa. E isso é lindo, demonstra, em última instância, as múltiplas possibilidades de leitura da obra. É lindo que crianças em fases diferentes da infância possam ser atraídas por um livro por motivos diferentes, mas ambas com intensidade. Acredito que uma parte do prazer que meus filhos tiraram dessa leitura advém diretamente do fato de terem lido juntos. Apenas os dois. E é lindo que o livro seja exatamente sobre isso.

No dia seguinte, pela manhã, antes mesmo de levantar da cama, meu filho perguntou: “ele vira mesmo um urso, pai?” E isso foi o disparador de longa conversa durante toda a manhã. Percebi (ou quero acreditar nisso) que ali, ao dormir com a história daqueles irmãos, meu filho entendeu o que é uma metáfora. Claro, não com esse nome, mas certamente compreendeu que, nos livros e nas histórias, as coisas não são simplesmente o que aparentam. Espero que este seja um primeiro passo para que ele perceba que mesmo no mundo real, fora da ficção, nada de fato é apenas o que aparenta. Seria um passo importante para que ele possa enxergar a poesia que está diante de nós todos os dias.

Um pouco sobre o autor

Alexandre Rampazo nasceu e vive em São Paulo. Formou-se em *design* e foi diretor de arte. Desde 2008, dedica-se à produção literária, ilustrando e escrevendo. Tem uma produção de mais de cinquenta obras em coautoria com outros escritores. Foi finalista do Prêmio Jabuti e recebeu o selo Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Também foi selecionado para a 26th Biennial of illustration Bratislava, além de figurar entre os 30 Melhores Livros Infantis do Ano Revista *Crescer*. Ilustrou diversas obras selecionadas para o catálogo IBBY/FNLIJ – Feira do Livro Infantil e Juvenil de Bologna.

Leia Mais

Do mesmo autor

- ✦ *A cor de Coraline*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ✦ *Este é o lobo*. São Paulo: DCL.

Do mesmo gênero

- ✦ *Bililico*, de Eva Furnari. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Quadrado*, de Mac Barnett e Jon Klassen. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Sam e Dave cavaram um buraco*, de Mac Barnett e Jon Klassen. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Quero meu chapéu de volta*, de Jon Klassen. São Paulo: WMF Martins Fontes.

